

## **(FOTO)GRAFIA COMO ALTERNATIVA AO ESQUECIMENTO DO RECÔNCAVO AÇUCAREIRO: DILEMAS DA MEMÓRIA, RISCOS AO PATRIMÔNIO CULTURAL E DEMANDAS EDUCACIONAIS**

AMÓS DA CRUZ SOUZA\*

### INTRODUÇÃO

O termo Recôncavo açucareiro representa uma pluralidade de sentidos que nos desafia a entender sua história mais como uma presentificação de seu passado, como algo quase místico ao ponto uma autonomia do tempo, sem levar em consideração as escolhas ou opções humanas da relação social. Nessa noção de conflito temporal, inscreve o paradoxo do futuro, quase como uma impossibilidade. Em outros termos, o Recôncavo açucareiro vem se reiterando muito mais nos seus aspectos de memória, em detrimento da historicidade de seus projetos sociais.

Como agravante dessa condição memorialística, podemos verificar uma pluralidade de experiências humanas constituindo lembranças e narrativas, como numa disputa de palavras sobre um significado que parece não se afirmar ou não conseguir se expressar com as línguas disponíveis.

Enfim, como compreendermos a contemporaneidade do Recôncavo açucareiro em meio a esses sentidos de deslocamentos? Se, até recentemente, há cerca de cinco décadas anteriores o termo açucareiro representou uma adjetivação de todo o Recôncavo histórico, hoje em dia não mais tem esse efeito, pois, do extenso canal a colorir de verde leve as áreas rurais do município de Santo Amaro da Purificação, resta apenas algumas pequenas parcelas cada vez mais restritas diante do avanço de uma paisagem caracterizada pela matataúba e o capim, assim como as cercas e porteiras. Quanto aos remanescentes arquitetônicos dos engenhos e

---

\* Graduado em História (UEFS), Mestre e Doutor em Educação e Contemporaneidade (UNEB). Docente da Educação Básica (SEC/Ba).

usinas – construções residenciais, litúrgicas e de instalações fabris – cada vez mais ruínas monumentais no meio desse mato que avança ou como resultado de demolições com intenções de impedimento da sua ocupação em ações do crime organizado que, também, se estabelece nesses espaços emblemáticos.

Esses espaços, portanto, que representaram a história baiana/brasileira da produção colonialista açucareira, se reconfiguram em outras lógicas e desafiam os olhares a reconstruírem discursos históricos acerca de sua condição contemporânea. O desafio consiste, justamente, pela dificuldade de conciliação entre os sentido de memória e historia que suscita o Recôncavo açucareiro. É fato, contudo que, esses espaços se deslocaram dos domínios do Recôncavo histórico e, mediante uma nova proposição da administração política, se reconfiguram como parte de um território cultural do Sertão. Restam apenas remanescentes açucareiros distribuídos entre os diversos territórios municipais que até meio século passado concentravam-se como distritos de Santo Amaro da Purificação e, atualmente, se constituem como: Amélia Rodrigues – última fronteira de resistência das últimas usinas Itapetingui e Aliança – assim como Terra Nova e Teodoro Sampaio. Outro espaço dessa zona fronteira de resistência dos remanescentes açucareiros é São Sebastião do Passé – especificamente as áreas dos distritos Nazaré de Jacuípe e Rio Fundo – que por sua vez, atualmente, compõem a geografia da Região Metropolitana de Salvador. Todos esses espaços, por sua vez, correspondem aos domínios de Santo Amaro e São Francisco do Conde até o início do século XX. Portanto, a zona açucareira do Recôncavo vem se restringindo e se reconfigurando em novas versões históricas que, atualmente, parece se destituir enquanto territorialidade. Os contornos dessas fronteiras se deslocaram mais para o sul e passaram a determinar o

Se a afirmação de uma territorialidade açucareira do Recôncavo tornou-se contraditória ou inviável, o mesmo não se pode dizer das suas tradições ou práticas sociais, pois, conforme a afirmação de Maria Brandão que nos inspira nesta reflexão: “permanece uma vigorosa comunidade afrobrasileira” (BRANDÃO, 1998: 44)

Portanto, nossa proposta, neste artigo, consiste em analisarmos essas contradições que determinam mudanças significativas ao olhar e à compreensão do Recôncavo açucareiro enquanto tradição – não mais uma territorialidade. O cessar da produção econômica do açúcar no Recôncavo, embora não o destitua como um todo, o descaracteriza dessa histórica

adjetivação, abrindo possibilidades para projetos sociais outros, pois, novas demandas sociais emergem na realidade cotidiana dessas populações deslocadas.

Considerando-se a caracterização cada vez mais majoritária dessas populações como afrodescendentes resistentes, impõe-nos, como historiadores, descrever e entender mais este desdobramento da diáspora africana como história do Recôncavo açucareiro que se reifica como memória propositivamente pluricultural.

## 1. COSTA PINTO E GILROY: SOBRE A CONTEMPORANEIDADE DOS HOMENS/MULHERES DAS USINAS DO RECÔNCAVO BAIANO

A memória é campo relevante do trabalho histórico porque desvela experiências que se mantêm vivas em forma de lembranças, assim como representa projetos sociais latentes em formas discursivas de sua autorreprodução como os monumentos e acervos. Neste sentido, cabe, ao historiador, o olhar habilidoso e a competência da leitura em múltiplas linguagens ou não menos a capacidade de articular essa pluralidade de sentidos dissimulados no cotidiano, como forma de compreensão da temporalidade ou possibilidades de realização humana no jogo das convivências socialmente determinadas. É neste sentido de multiplicidade das referências e pluralidade dos discursos que nos parece viável a compreensão da contemporaneidade do Recôncavo açucareiro, visto que, atualmente, se refira muito mais a processos e jogos da memória social baiana/brasileira que uma concretude territorial ou econômica como o termo tem sugerido.

Ao nos referirmos ao termo – Recôncavo açucareiro – nos sentimos tentados ao envolvimento das possibilidades de sua narração, pois, muitos são os sentidos que ainda apelam projeções ou possibilidades futuristas como, também, nunca estamos isentos da nostalgia diante do forte sentido de passado/presente de suas paisagens marcadas por ruínas monumentais. Enfim, o projeto e a relíquia compõem esse duplo sentido das evidências de contemporaneidade de um Recôncavo açucareiro como memória em meio a atualidade de seu deslocamento territorial e econômico, paralelamente à persistência de práticas sociais que suscitam a sua lembrança em contextualizações outras. Dissociam-se s termos: *recôncavo* e *açucareiro*, diante de novas

demandas que, para o espaço significa uma constante reconstrução de suas possibilidades materiais enquanto, o segundo termo, assume o sentido da ressignificação cultural, ou seja, historicamente, o Recôncavo açucareiro já não existe, porque esse espaço de resistência do canavial e usinas, antes integrado ao município de Santo Amaro, atualmente, após cinco décadas de seu desmembramento, passa a integrar o Território de Identidade Portal do Sertão, orbitando na Região Metropolitana de Feira de Feira de Santana.

O sentido de memória que passa a representar o termo: Recôncavo açucareiro expressa, agora, um referente cultural brasileiro em que o foco dos olhares deve incidir em formas existenciais e convivialidades simbólicas da pluralidade nacional brasileira. Essa noção do seu simbolismo nacional brasileiro, embora pareça exagerada de início ao nosso pensamento, encontra o seu respaldo em duas análises que se cruzam na teia da temporalidade. Na década de 1950, Luiz Aguiar Costa Pinto vislumbrou a possibilidade de um novo olhar do Recôncavo a partir da inovação dos processos de sua socialização, afirmando uma condição laboratorial das mudanças que, em 1958, abalavam as tradições rurais e agrárias. Paul Gilroy, por sua vez, em 2002, ao apresentar suas conjecturas sobre um Atlântico Negro, destaca a singularidade da cultura negra brasileira como um desafio inspirativo da reflexão sobre o sentido de diáspora ou cultura negra transnacional. Nesta consideração, destaca a lacuna do conhecimento de então sobre as experiências dos sujeitos das usinas de açúcar como referentes dessa inspiração necessária ao entendimento das possibilidades dialógicas dos afrodescendentes na modernidade.

Enfatizamos aqui as afirmações dos prefácios de Paul Gilroy à primeira edição e à edição brasileira do “Atlântico Negro”, em que justifica suas intenções de convencimento acadêmico no potencial de reconstrução cultural dialógica dos afrodescendentes naquilo em que se convencionou chamar de modernidade, afastando as possibilidades de aproveitamento crítico tanto dos europeus que se apossaram dessa construção, quanto os movimentos de afirmação negra que sempre procuraram dela se afastar, numa espécie de busca de pureza étnica que se reflita também no pensamento. Ao propor o hibridismo como olhar das intervenções afrodescendentes na modernidade, embora sob a condição de resistência, sugere, Gilroy, a consideração de uma via de poder que, embora pulverizada na cotidianidade e dissimulada

nas dimensões estéticas, nem por isto deixa de ter relevância política para fazer dialogar a modernidade com os interesses negros que a compõe logicamente.

*[...] existe o perigo de que, afora a arqueologia das sobrevivências tradicionais, a escravidão torne-se um feixe de associações [apenas] negativas, que é melhor deixar para trás. A história das fazendas e usinas de açúcar supostamente oferecem pouca coisa de valor quando comparadas às concepções elaboradas da antiguidade africana contra as quais são desfavoravelmente comparadas. Os negros são instados quando não a esquecer a experiência escrava que surge como aberração a partir do relato de grandeza na história africana, então a substituí-la no centro de nosso pensamento por uma noção mística e impiedosamente positiva da África que é indiferente à variação intrarracial e é congelada no ponto em que os negros embarcaram nos navios que os levariam para os inimigos e horrores [...] (GILROY, 2001:355)*

Prolongar essa ambivalência no momento histórico atual põe em risco a própria estratégia implícita das comunidades negras/recriadas do Atlântico negro de superação do equívoco colonialista de superioridade da cultura européia, pois a *contracultura negra* se move no interior da própria modernidade.

Ao referir-se diretamente ao Brasil, adverte sobre suas afirmações anteriores a essa consideração da experiência negra brasileira que, nas últimas décadas reverteu a noção política dominante de que já estaria sendo construído aqui a superação do discurso de raça.

*Tudo o que eu normalmente quero dizer sobre a cultura e a mistura, a diáspora, a história e a socialidade trans-africana tem uma ressonância diferente quando se refere a um lugar tão próximo do epicentro da escravidão racial moderna. Os pontos críticos que recentemente dominaram as lutas políticas dos europeus negros [...] parecem ser irrelevantes num lugar onde o prejudicial ideal de pureza tem um sentido muito mais frouxo em relação à política cultural e uma relação totalmente diferente com as idéias de raça e de identidade nacional. (GILROY, 2001: 10).*

A leitura de Gilroy, portanto nos inspirou na busca dessas possibilidades autonarrativas da diáspora como uma abordagem viável aos interesses de afirmação política dessa outra dimensão moderna que se constituiu como negritude. As lacunas e incertezas quanto á essa *história heterológica*, analisadas nesses fragmentos do pensamento do Atlântico Negro, nos

guiaram nesta visão que apresentamos sobre a ressignificação do Recôncavo açucareiro ou seu recorte em termos sociais/culturais, como uma construção afrodescendente.

*Parece-nos bastante instigante a proposta de Paul Gilroy (2001), de levantamento das experiências de recreação das tradições no “Atlântico negro”, visto como um sentido de superação e transposição do terror das experiências de escravidão que compõe a própria memória como uma dupla consciência. O foco da punção criativa como fator de humanização nos permite vislumbrar a reação ou ressignificação como um aspecto basilar da dinâmica do colonialismo que se aplicou ao Brasil, mais especificamente ao Recôncavo açucareiro (SOUZA, 2015: 32).*

Traçamos, então uma proposta de pesquisa fundamentada nessas possibilidades de abordagem das expressões de resistência negra nas memórias do Recôncavo açucareiro, tendo como foco as contradições da visualidade de suas autorias, afinal de contas, desde Antonil (????) já está afirmado na historiografia baiana que “o escravo era os pés e as mãos dos senhores de engenho”.

Anteriormente a essas elaborações de Gilroy, Luis Aguiar da Costa Pinto, empreendeu uma descrição do “homem do Recôncavo” que nos parece bastante analógica a esses interesses dialógicos da dupla consciência moderna/brasileira conforme se expressa simbolicamente nas memórias do Recôncavo açucareiro. O olhar de Costa Pinto, incide sobre o sentido cultural das transformações estruturais do Recôncavo que, na década de 1950, frente ao questionamento das práticas de trabalho em relação às possibilidades de desenvolvimento social e econômico. Concluiu, Costa Pinto em seu discurso na Conferência do Petróleo (1959) tratar-se de uma condição histórica dramática em que as opções se delineiam, mas não se encaminham a um desfecho ideal que, na sua visão, seria o investimento cultural dessas possibilidades de mudança qualitativa. Comentou, então, no último tópico, após longa exposição sobre a formação territorial e estruturação econômica históricas:

*Há alguns anos atrás foi publicado no suplemento dominical de um diário do Rio de Janeiro um artigo sobre a situação econômica da Bahia [...] cujo título é o seguinte: **Um plano e um milhão de europeus** e a tese que apresenta pode ser resumida da seguinte maneira: a Bahia precisava, para resolver sua crise econômica, de duas coisas: um plano, que sirva de roteiro a sua política de desenvolvimento e um milhão de europeus que possam executar aquele plano pela injeção maciça, no*

*mercado de trabalho, de mão de obra nova e renovadora, superior, em qualidade e em qualificação, à mão de obra local.*

*[...] soa, assim, aos nossos ouvidos, como uma espécie de slogan capaz de sintetizar numa locução toda uma ideologia que no Recôncavo, na Bahia, no Brasil [...]*  
(COSTA PINTO. In BRANDÃO, 1998: 157)

Seria necessário, portanto, evidenciar os mecanismos dinâmicos de suposta inferiorização dos trabalhadores das usinas e canaviais, não como inerentes, mas como resultado de investimentos educacionais históricos. Por isso, argumenta em seguida:

*O sistema econômico tradicional no Recôncavo fundava-se na exploração extensiva e intensiva da terra e do homem, dos quais, o ethos dominante permitia, e até impunha, retirar o máximo e devolver o mínimo, já que nestes saldos consistiam essencialmente os benefícios da exploração perseguidos pelos que a comandavam. Enquanto aquela estrutura econômica floresceu, formou e empregou uma mão de obra que, na verdade, não era nem melhor, nem pior, do que ela mesma. Para desempenhar o papel e a função que lhe eram reservados naquele padrão tradicional de economia e de sociedade, ninguém jamais duvidou que o tabaréu do Recôncavo fosse o tipo ideal [...] não tivesse ele as características que o sistema econômico e social dele exigia e nele se desenvolvia – e não teria sido o Recôncavo uma das matrizes do Brasil, sua capital na era colônia, província líder no Império, célula mater da sociedade brasileira, terra de legenda onde ainda hoje se vai reencontrar este País [...]*

*Nesse sentido, a atitude negativista e os julgamentos pessimistas de certas camadas dirigentes locais, com referência ao trabalhador do Recôncavo, poderão ser consideradas com pertinência como um juízo auto crítico, pois significam o reconhecimento de que o sistema tradicional não solicitou nem desenvolveu, ou qualificou, outro tipo de mão de obra além daquela necessária ao seu estilo predatório e parasitário esse trabalhador ideal, cuja existência hoje se reclama [...] ele é, também, um dos objetivos e dos mais importantes, que se pretende alcançar com o desenvolvimento.*

*[...] toda a crítica que se faça ao escravo de 1850, ao ex escravo de 1900 e ao trabalhador livre da década de 1950 é uma crítica ao sistema total de relações econômicas e sociais dentro do qual nasceu e se formou, como um dos seus produtos, esta mão de obra cujas qualidades e defeitos, atitudes e aspirações, limitações e qualificações reproduzem o inevitável perfil que lhe imprimiu o sistema*

*de que ee era parte integrante e essência. (COSTA PINTO. In BRANDÃO, 1998: 164 – 165)*

Portanto seu olhar conclui pelo obstáculo ideológico como paradoxo da modernização ou desenvolvimento do Recôncavo, cabendo a indicação às lideranças políticas de investimento educacional dos trabalhadores e consideração de suas iniciativas de inovação tecnológica isolada que desde o início do século XX veio transformando as estruturas predatórias dos engenhos em usinas e o beneficiamento fabril do fumo como alternativas econômicas importantes dos espaços urbanos interiores do Recôncavo. Inda que faltasse um plano, não lhe pareceu faltar os componentes subjetivos da criatividade ou racionalidade cotidiana do trabalho nesse universo do açúcar e do fumo. Esse seu prisma nos sugere a visão de um “laboratório de uma experiência humana” que será significativo para a compreensão de sua atualidade deslocada, mas, nem por isto, desalentadora, de acordo com o vigor das subjetividades de sua própria ressignificação contemporânea.

## 2. DILEMAS DA MEMÓRIA DE UMA VIGOROSA COMUNIDADE AFROBRASILEIRA: O ACERVO FOTOGRÁFICO DO CINQUENTENÁRIO DE AMÉLIA RODRIGUES

Traçamos, inicialmente, um projeto de pesquisa voltado para as possibilidades de uma produção fotográfica escolar, visando o envolvimento dos estudantes do Ensino Médio nas visibilidades e olhares do Recôncavo açucareiro, dentro das propostas do doutorado em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia. Estávamos guiados pela intenção de compreensão da atualidade dos olhares aprendizes da história escolar em suas abordagens, paralelas ao currículo, das tradições culturais/econômicas do Recôncavo, já que isto é uma referência para a relação entre alunos e professores de história nas cidades egressas dessas territorialidades canavieiras/açucareiras. Contudo, a iminência do cinquentenário de emancipação política da cidade de Amélia Rodrigues, propiciando um interesse específico de levantamento memorial e construção de ações comemorativas, deslocou essa possibilidade metodológica de uma pesquisa ação, para a construção de uma análise documental dinâmica



dos sentidos fotográficos surgidos na construção de um acervo comemorativo do desmembramento de Amélia Rodrigues ao território municipal de Santo Amaro na década de 1960.

Os procedimentos metodológicos consistiram, inicialmente, numa escuta das intenções dessa construção em reuniões de planejamento de uma comissão designada pela prefeitura de Amélia Rodrigues para determinação das atividades e produtos desse evento que aconteceria no mês de outubro de 2011. Paralelamente a essas proposições, seguiu uma pesquisa documental intensa, empreendida por um núcleo de artistas que integravam a Diretoria de Cultura da Secretaria da Educação local. Esse grupo realizou verdadeiras expedições de levantamento dos espaços/locais monumentais das usinas e alambiques no território da atual Amélia Rodrigues, construindo registros fotográficos desses lugares de memória dispersos e, muitas vezes, perdidos sob a vegetação nativa do massapê ou remanescentes de canaviais.

Em outra frente de trabalho foram garimpados, também, registros documentais escritos da de da câmara de Santo Amaro, Biblioteca Pública da Bahia e da Prefeitura local, constituindo uma base oficial de testemunhos dessa trajetória municipal de Amélia Rodrigues.

*Três frentes de pesquisas espontâneas ou autodidatas seguiram paralelas até convergirem nas intenções e oportunidades do Memorial comemorativo do Cinquentenário de Amélia Rodrigues: a garimpagem documental e projetos de ações da Comissão do Cinquentenário na cidade de Amélia Rodrigues, o acervo da revista eletrônica Banguê e o acervo documental de Alberto Valente. Iniciamos o detalhamento de certa sequência lógica dessas ações, embora não houvesse nenhum planejamento ou sincronização da mesma. (SOUZA, 2015:49)*

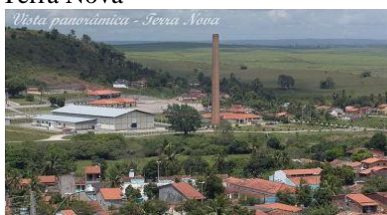
Apresentamos, a seguir, alguns recortes de séries fotográficas demonstradas no relatório da pesquisa, alusivas às recorrências discursivas encontradas na análise dos enquadramentos subjacentes à produção do Memorial citado. Num primeiro conjunto vislumbramos uma paisagem dupla, entre a degradação dos equipamentos e instalações da usinas e sua própria recriação em centros urbanos. (figuras 01 a 04)

Figura 01 – Usina Itapetingui



Acervo da Comissão do Cinquentenário de Amélia Rodrigues. 2010.

Figura 04 – Centro urbano de Terra Nova



Acervo Banguê. 2001.

Figura 07 – Base de cruzeiro da Usina São Bento



Acervo da Comissão do Cinquentenário de Amélia Rodrigues. 2010.

Figura 02 – Usina Santa Elisa



Acervo da Comissão do Cinquentenário de Amélia Rodrigues. 2011.

Figura 05 – Casa de fazenda.



Acervo da Comissão do Cinquentenário de Amélia Rodrigues. 2010

Figura 08 – Ruínas de ferrovia da Usina São Bento



Acervo da Comissão do Cinquentenário de Amélia Rodrigues. 2010.

Figura 03 – Distrito/Usina Paranaguá



Acervo Banguê. 2001.

Figura 06 – Palmeira imperial



Acervo da Comissão do Cinquentenário de Amélia Rodrigues. 2010.

A casa da figura 05 é uma típica sede de pequenas unidades administrativas de produções como fumo e cana. Na figura 06, a palmeira sinaliza o local de uma residência administrativa dessas que já não existe. Nas figuras 07, a base de um cruzeiro em um morro elevado na usina São Bento onde se localizava a capela, supostamente do engenho que se instalou nesse mesmo local, no século XVII. A figura 08 focaliza resquícios de equipamentos da ferrovia num trecho em que se configurava como pequena ponte sobre o riacho que sobrepões.

Essas imagens nos remetem à lembrança do lento processo de desmonte das usinas de açúcar e, conseqüentemente a descaracterização da paisagem tradicional desses pequenos núcleos urbanos em pleno canavial. São Bento foi a primeira a cessar sua produção, ainda na década

de 1950. Há relatos de que o fechamento da Usina São Bento ensejou um quadro depressivo de seu administrador, quando o mesmo decidiu permanecer desempenhando suas atividades de trabalho, abrindo e fechando o prédio administrativo pontualmente por longo tempo. Esse evento nos remete à coerência das análises de Costa Pinto e Gilroy acerca dos investimentos subjetivos nesses projetos de usinas no Recôncavo como um sentido existencial. A visibilidade desses monumentos nos relatos cotidianos é muito mais contundente que a sua própria possibilidade fotográfica em se constituir como discurso propositivo.

Mas, ao lado das ruínas das usinas e canavial, constrói-se também a memória da sua transmutação em cidades. O fechamento das usinas e o conseqüente deslocamento de suas populações nem sempre seguiu os mesmo processos de completo desaparecimento. Algumas dessas localidades – como é o caso de Terra Nova - transformaram-se em sedes urbanas municipais durante na onda de desmembramento que parcelou a velha Santo Amaro em cinco unidades. Outras sedes, como Amélia Rodrigues, foram incrementadas pelas migrações internas dessas áreas rurais de acordo com as demandas de serviços públicos – principalmente escolas.

Temos, a seguir, alguns enquadramentos simbólicos da construção municipal de Amélia Rodrigues em dimensões e eventos distintos que nos remete às questões do saber tecnológico, táticas de geração de renda, assim como a valoração da afetividade interpessoal e diferença da inspiração religiosa. Práticas cotidianas representativas da cultura do Recôncavo que o identifica com a diáspora africana. Trata-se de um Recôncavo subjetivo – eivado de subjetividades – modos de ser e fazer.

Figura 09 – Construtores



Acervo de Lucila Moreira. 1946

Figura 12 – O abraço



Acervo Stela Mota.

Figura 10 – Vendedor ambulante



Acervo do Memorial do Cinquentenário de Amélia Rodrigues. 1967.

Figura 13 – O atar de São Roque



Acervo do Memorial do Cinquentenário de Amélia Rodrigues. 201

Figura 11 – Professoras da usina



Acervo de Lucila Moreira. 1960.

Figura 14 – Alunos e professora de uma escola rural



Acervo do Memorial do Cinquentenário de Amélia Rodrigues. 1977.

A visibilidade da escola como representação de sua valoração também é bastante recorrente nas produções fotográficas sobre o cotidiano do Recôncavo açucareiro. Como um traço do paradoxo, a utopia da formação escolar mantém-se paralela à resistência de suas regras e imposições comportamentais. Ao mesmo tempo em que é satirizada com imagens em que se incluem ações performáticas não tão recomendáveis à sua placidez como pressuposto da boa educação, a escola e sua educação é um bem desejado pelos homens/mulheres do Recôncavo – recorrência narrativa. O enquadramento de professoras negras nessas imagens/narrativas (figuras 11 e 14) instiga o pensamento dessa resistência como conforme a inspiração de Gilroy (2002).

As figuras 15 e 16, a seguir, parecem conter uma confirmação dessas conjecturas, ao inserir o cotidiano de trabalho durante a construção da Petrobrás<sup>1</sup> em pleno massapê baiano. Os afrobrasileiros aí caracterizados nessas imagens do acervo comemorativo do cinquentenário dessa empresa histórica e simbólica dessa contraditória do Recôncavo parecem saltar direto do texto de Costa Pinto para essas prováveis representações. Outras recorrências a considerar.

<sup>1</sup> As fotografias das figuras: 15, 16 e 17 foram publicadas no histórico da Refinaria Landulfo Alves (PETROBRÁS, 2000: 06, 90, 171).

Essas imagens nos (figuras 15 e 16) nos remetem a um protagonismo cultural negro/baiano ainda pouco explorado nos campos da educação e da história brasileiras

Figura 15 – Instalação de equipamentos da Primeira refinaria de petróleo do Brasil.



Acervo Pierre Verger.

Figura 16 – Primeiros trabalhadores da refinaria de petróleo do Brasil



Acervo Pierre Verger..

Nesta última sequência, procuramos demonstrar a relatividade cultural das atitudes frente ao conhecimento. Nestas duas imagens alusivas desse domínio da subjetividade, evidencia-se o sentido de alegria. Na figura 17, o trabalhador da Refinaria de petróleo em Mataripe – Candeias, sorri entre as engrenagens da fábrica, enquanto a figura 18 apresenta um grupo de capoeiristas numa performance em ambiente escolar em Amélia Rodrigues.

Figura 17 – Operário da Petrobrás



Acervo Pierre Verger.

Figura 18 – tocadores de berimbau



Acervo do Colégio Estadual Maria Teófila. 2003

Figura 19 – Mural em mosaico representando o cotidiano das usinas de açúcar



Acervo do Memorial do Cinquentenário de Amélia Rodrigues. 2010.

Figura 20 – Monumento da Usina Terra Nova no espaço escolar



Acervo Banguê. 2001.

As figuras 19 e 20 encerra essas metáforas fotográficas analisadas como indícios do protagonismo cultural negro nos espaços recriados do Recôncavo açucareiro que, em sua contemporaneidade resguarda-se na condição de memórias dos trabalhos, convivências e saberes.

*O trabalho com fontes fotográficas, podendo configura-se em distintas formas, nos permite, aqui, a abordagem dos enquadramentos e seus respectivos referentes como enfoque de intencionalidades supostas aos sujeitos de suas produções e consumos, visto que investigamos os indícios de uma memória histórica resistente ao discurso histórico pretendido nas cidades que emergiram das comunidades das usinas de açúcar na segunda metade do século XX, representando a própria reconfiguração do Recôncavo, em termos territoriais, sociais e econômicos (SOUZA, 2015:63)*

## (IN)CONCLUSÕES

As noções surgidas do trabalho de pesquisa e análise desses dados nos direcionam para pensar que este momento histórico do Recôncavo caracteriza-se pelo significativo deslocamento de sua base açucareira, em termos econômicos e territoriais. O Recôncavo que continua a existir sob o sentido de um *Território Cultural de Identidade* e que integra os processos políticos/administrativos da Bahia, já não é mais açucareiro e, por sua vez, os espaços de instalação das produções açucareiras, desfizeram-se de suas instalações fabris e canaviais e anexaram-se, formalmente, ao *Território de Identidade Portal do Sertão*. Com o fechamento da última usina de açúcar no ano de 2016 – a Aliança –, selou-se essa (des)caracterização. Restam apenas monumentos e lembranças que, embora pareçam irrelevantes, contêm a possibilidade de ressignificação de sua última dimensão de autonomia: sua memória social. Permanece, portanto um Recôncavo Açucareiro nas narrativas memoráveis dos trabalhos, comunalidades ou convivências – projetos eivados de historicidade que se disponibiliza para a

reflexão de um conhecimento histórico heterológico que faça a diferença para essas novas gerações nativas, desde a formação básica da educação escolar até a pesquisa acadêmica autonarrativa dessa pluralidade de sentidos e possibilidades simbólicas do próprio Brasil.

Entendemos que a possibilidade de construções discursivas outras encontram na linguagem e processos de produção fotográficos, campo fértil de uma necessária heteroglossia em que possamos contar as muitas histórias da Bahia e do Brasil, para além das palavras. A fotografia, ainda como possibilidade de resguardar seus acervos patrimoniais culturais, demonstra-se pedagogicamente disponível ao investimento de construções outras de lugares de memória que exerçam um papel educacional dos olhares da temporalidade para os jovens aprendizes, viabilizando, assim, formas outras de lembrar, respaldadas nas tecnologias digitais. Enfim, que essas histórias da dupla consciência não sejam passadas adiante, como nos indica Gilroy e que se promova nos lugares culturais da contemporaneidade do Recôncavo açucareiro, a educação tecnológica necessária em suas demandas, como expressões da sua pluralidade subjetiva e autoral.

## REFERÊNCIAS

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte : Itatiaia/Edusp, 1982. Coleção Reconquista do Brasil.

BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998.

\_\_\_\_\_. Os vários recôncavos e seus riscos. In: *Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras* vol. 1 (1), 2007, p. 52-56.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Trad. MENEZES, Maria de Lourdes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COSTA PINTO, L. A. Recôncavo: Laboratório de uma experiência humana. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). Recôncavo da Bahia; sociedade e economia em transição. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro. O Atlântico Negro. São Paulo. Editora 34. 2001.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas. UNICAMP. 1992.

LEITE, L. Moreira Leite. Texto visual e texto verbal. In FELDMAN-BIANCO e LEITE, M. M. (org.) Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papyrus, 1998.

MATTOS, Wilson Roberto de et al. Uma luz na noite da Bahia: 50 anos de história da Refinaria Landulpho Alves. Salvador: RLAM/Petrobras, 2000.

\_\_\_\_\_. Valores civilizatórios afro-brasileiros, políticas educacionais e currículos escolares. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade. Salvador, v.12, n 19, jan./jun. 2003. p. 229-234.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto inscrição. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 23, no. 1, 2001. Disponível in < <http://www.scielo.br/pdf/> Acesso em: 02/01/2014.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In Estudos Históricos. São Paulo, vol. (2) 05 – 15 de março de 1989.

SOUZA, Amós da Cruz. Comemorações e Fotografias: práticas de inovação pedagógico-cultural e os afro-brasileiros da Escola Maria Teófila – Amélia Rodrigues – Bahia. Salvador: UNEB, 2008. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade). Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, Salvador.

SOUZA, Amós da Cruz. Sobre a(s) memória(s) dos homens/mulheres das usinas: contemporaneidade do Recôncavo açucareiro como demanda educacional. Salvador: UNEB, 2015. 149 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade). Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, Salvador.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. Uma visão antropológica. Revista TB, (95), 119/126, out-dez, 1998.





WAGLEY, Charles; AZEVEDO, Thales de e COSTA PINTO, Luiz Aguiar. Uma pesquisa sobre a vida social no Estado da Bahia. Museu do Estado da Bahia – no. 11. 1950.